

Dionisio Borobio

**Comprender, Celebrar e Viver
a Reconciliação e o Perdão**



EDITORIAL A.O.

Título original:

*Para Comprender, Celebrar y Vivir
la Reconciliación y el Perdón*

Dionisio Borobio

© *Dionisio Borobio*

© PPC, Editorial y Distribuidora, SA

C/ Agastia, 80

28043 Madrid

ISBN 84-288-1670-0

Tradução

Manuel Pereira Gomes, S.J.

Capa

Constança Archer de Carvalho

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Empresa Diário do Minho, Lda.

Rua de Santa Margarida, 4

4710-306 Braga

Depósito Legal nº

?????????

ISBN

978-972-39-0782-7

Outubro de 2014

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA

Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.apostoladodaoracao.pt / livros@snao.pt



Introdução

Na vida, há aspectos, formas e maneiras de proceder que vão perdendo importância, vão-se desvalorizando, porque não nos sentimos suficientemente capazes ou aptos para os renovar, para os adaptar às alterações de sensibilidade e de comportamento que a própria vida nos vai impondo. Pode ser o caso da reconciliação penitencial. Há nela aspectos e formas próprios de determinado momento histórico, cultural e eclesial (forma e lugar da celebração, gestos e sinais para a celebração...), e outros aspectos e formas inerentes à essência do sentido e ao sinal fundamental do sacramento.

O nosso objectivo é oferecer uma síntese simples a propósito do sacramento da reconciliação penitencial, procurando:

- Destacar o que há de fundamental e permanente, relativizando o secundário e mutável.

- Ajudar a compreender o conteúdo e o sentido deste grande sacramento da conversão, reconciliação e do perdão.

- Recordar a pluralidade de formas de celebrar e viver essa conversão, reconciliação e perdão.

– Mostrar a relação que existe entre a reconciliação sacramental e as reconciliações reais da vida.

Acreditamos que esta breve apresentação pode servir de ajuda para todos os que se preocupam com a sua formação na fé (fiéis cristãos), ou se ocupam da transmissão da fé (catequistas, movimentos e ministérios laicais), com a celebração do sacramento ou em presidir à sua celebração (comunidade cristã, sacerdotes).

Visão antropológica: que tem o sacramento a ver com a vida?

Quando as coisas perdem o seu sentido e os sinais o seu significado, há qualquer coisa de importante a pedir a nossa atenção, a reclamar revisão para relançar o nosso «a fazer». É, possivelmente, o que está a acontecer com o sacramento da reconciliação penitencial. Se a conversão, a reconciliação e o perdão são elementos que fazem parte constitutiva do ser cristão e se exprimem de forma única e privilegiada no sacramento da reconciliação penitencial, a Igreja não pode ficar indiferente perante uma situação que corre o risco de pôr em causa a sua necessária integração na vida cristã.

Temos, pois, que reflectir sobre a riqueza teológica e a renovação pastoral deste sacramento. Trata-se de redescobrir o seu sentido para nos alegrarmos com a sua riqueza e de aprofundar o seu significado para admirar o seu mistério. A desproporção entre o que o homem apresenta com a sua vida e o que Deus oferece com a sua misericórdia é infinita. Encontramo-nos, de maneira sempre nova, perante o *mysterium pietas* a superabundar sobre o *mysterium inequitatis*¹ e Deus

¹ «Mistério da piedade» e «mistério da iniquidade». [N.T.]

a manifestar-Se como o infinitamente Outro pleno de amor.

1. Princípios de compreensão

Para compreender o que a seguir vamos expor, devemos ter em conta os princípios seguintes:

A) A reconciliação penitencial tem a sua raiz na própria vida

Não devemos entender o sacramento da penitência como uma realidade de preceito ou lei, que a Igreja nos impõe fora da vida ou à margem da nossa própria existência. Pelo contrário, a penitência tem uma profunda raiz antropológica, existencial e social: corresponde à necessidade que o homem sente de recuperar o ideal perdido, de reafirmar os valores que dão sentido à sua vida, de reconstruir a sua própria história pessoal numa nova relação com a história dos outros. Por isso, no sacramento, perante o fracasso de uma perfeição sonhada, reafirma-se o objecto ideal do nosso desejo. Perante a irresponsabilidade culpável, proclama-se a verdade da responsabilidade. Perante a injustiça, exprime-se o compromisso consequente com a justiça. Perante a divisão e o ódio, regenera-se a unidade e o amor. Perante a solidão e a separação, reafirma-se a fraternidade e a solidariedade. Perante a escravidão do pecado e a dependência, aposta-se na liberdade dos filhos de Deus. Perante a violência e a discórdia, renova-se a paz consigo mesmo, com Deus e com os outros.

Visão antropológica: que tem o sacramento a ver com a vida?

Celebrar a reconciliação é, portanto, a expressão sacramental que realiza essas aspirações do desejo ou do ideal evangélico e cristão que dão sentido e renovam, de modo permanente, a nossa vida, sem dar lugar nem à indiferença nem ao pessimismo, nem à renúncia àquilo que constitui a verdade e é o centro do sentido da nossa própria existência. Trata-se de objectivar sacramentalmente, num processo de «auto-reconciliação» consigo mesmo e de «hetero-reconciliação» com os outros e com Deus, aquilo que o homem vive, na tensão entre o seu existir limitado e a sua aspiração infinita, com a fé e a confiança de que Deus nunca o abandona e chama-o, sempre, com a sua misericórdia, a uma renovação permanente que, embora «já» esteja a acontecer, «ainda» não chegou à plenitude.

B) A reconciliação penitencial: um «encontro-a-três»

O que se pode afirmar de qualquer sacramento, deve dizer-se, com especificidade própria, do sacramento da reconciliação penitencial. É um encontro em que intervêm: Deus com a sua misericórdia gratuita e salvadora; a Igreja, com a sua acção mediadora e ministerial; e o sujeito penitente, na sua situação de pecado e disponível para a conversão. É evidente que cada um destes «personagens» intervém segundo o que é e significa: Deus, como o Deus Trindade; a Igreja, como o «nós» comunitário; o homem, como a pessoa individual, concreta; é igualmente evidente a desproporção e a analogia. Também o é a diferença de objectivo, pois se Deus intervém para nosso perdão, a Igreja actua para a manifestação visível desse perdão a partir da reconciliação consigo

mesma e o penitente fá-lo para renovar a sua vida e a sua relação com a Igreja e com Deus.

É, de facto, uma acção desproporcionada, embora comum, cuja finalidade é recuperar o ideal, já assumido no baptismo, de uma vida em justiça e paz, em alegria e amor com Deus e, ao mesmo tempo, com a Igreja. É o que se quer dizer quando se fala, em todos os documentos depois do Vaticano II, sobre a penitência como renovação e encontro, como reconciliação e como paz com Deus e ao mesmo tempo com a Igreja. É um encontro no qual, partindo do reconhecimento da própria realidade e identidade, da aceitação da diferença e comunhão de cada um dos «personagens», se renovam a vida e a relação, em gozo gratuito e gratificante, daquele (penitente) que as tinha posto em perigo pelo seu pecado e existência não reconciliada.

C) Reconciliação penitencial: nomes para um mistério

«Sacramento da confissão» foi o nome mais usado, durante muito tempo (sobretudo depois do século XIII), para indicar todo o mistério complexo da misericórdia, do perdão, da conversão e da reconciliação... Tratava-se, de facto, de uma fixação num dos aspectos relativamente secundários da acção penitencial, pois a confissão oral é apenas um dos actos do penitente, não precisamente o mais importante – esse é a conversão – e, além disso, não exprime a acção dos outros «personagens» (nem Deus nem a Igreja se confessam), nem o objectivo central do sacramento, que será sempre a reconciliação e o perdão. Consciente desta excessiva

polarização e parcialidade, e tendo em conta a tradição permanente e o significado central do sacramento, o *Catecismo da Igreja Católica* recolheu os cinco nomes mais apropriados para o designar:

- Sacramento da misericórdia e do perdão,
- Sacramento da reconciliação,
- Sacramento da penitência,
- Sacramento da conversão,
- Sacramento da confissão.

Cada um dos nomes exprime um aspecto importante e reflecte uma dimensão do mistério, a necessitar de explicação complementar. Contudo, a denominação mais adequada, segundo *Reconciliatio et Poenitentiae*, é: «sacramento da reconciliação penitencial». Nesta denominação, além de estar indicado o objectivo central do sacramento, está implicada a intervenção daqueles que designámos como «personagens» (Deus, a Igreja, o sujeito penitente), e destaca-se a acção penitencial ou laboriosa que especifica a situação pecadora do baptizado penitente.

2. Experiências humanas de reconciliação penitencial

Somos sempre assaltados pelo perigo de separar o sacramento da vida ou de ficar indiferentes perante aquilo que o sacramento significa ou exige. Há muitos cristãos que, expressamente, nem rejeitam, nem acei-

Índice

Introdução	5
1 – Visão antropológica: que tem o sacramento a ver com a vida?	7
1. Princípios de compreensão	8
<i>A) A reconciliação penitencial tem a sua raiz na própria vida</i>	8
<i>B) A reconciliação penitencial: «um encontro-a-três»</i>	9
<i>C) Reconciliação penitencial: nomes para um mistério</i>	10
2. Experiências humanas de reconciliação penitencial	11
<i>A) A experiência da «não totalidade»</i>	12
<i>B) A experiência da «não inocência»</i>	13
<i>C) A experiência da «não justiça»</i>	14
<i>D) A experiência da dependência</i>	14
<i>E) A experiência da divisão</i>	15
<i>F) A experiência da insegurança</i>	15
<i>G) A experiência da alegria</i>	16
<i>H) Sentido da reconciliação a partir da experiência</i>	17
3. Situação vital e sacramento da reconciliação penitencial	18
<i>A) A conversão-penitência, um existencial cristão</i>	19
<i>B) A situação vital do sacramento da penitência</i>	20
<i>C) Especificidade da situação penitencial</i>	22
2 – Explicação teológica: sentido e conteúdo do encontro de reconciliação	25
1. Elementos essenciais do processo penitencial	25
2. O sacramento da penitência como encontro de reconciliação	27

<i>A) Várias formas de reconciliação</i>	27
<i>B) Deus misericordioso ao encontro do homem pecador.....</i>	29
<i>C) A Igreja, mediadora da reconciliação</i>	32
<i>D) O homem pecador ao encontro de Deus misericordioso</i>	41
<i>E) Conclusão.....</i>	50

3 – Celebração plural: como viver e celebrar a reconciliação penitencial 55

1. As formas históricas de celebrar a penitência.....	55
<i>A) Novo Testamento: entre a misericórdia e a excomunhão.....</i>	56
<i>B) Séculos II e III: penitência para a eucaristia</i>	58
<i>C) Do século IV ao VII: ascese penitencial para a conversão ...</i>	59
<i>D) Do século VII ao século XIII: medição do pecado para a penitência.....</i>	63
<i>E) Do século XIII ao século XVI: confissão para a absolvição ..</i>	66
<i>F) Do século XVI ao século XX: sacramento para o perdão</i>	68
<i>G) A renovação do sacramento da penitência no Concílio Vaticano II.....</i>	68
2. As diferentes formas de celebrar o sacramento	71
<i>A) As formas «quotidianas» de conversão e de reconciliação....</i>	73
<i>B) As formas litúrgicas de conversão-reconciliação</i>	78
<i>C) As formas sacramentais de conversão-reconciliação: o sacramento da penitência</i>	85
3. A recepção destas formas de penitência.....	107
<i>A) Âmbito pastoral-comunitário</i>	107
<i>B) Âmbito psicológico-pessoal.....</i>	110
<i>C) Existem novas possibilidades?</i>	113
4. Aplicação pastoral.....	118
<i>A) Complementaridade de formas penitenciais.....</i>	118
<i>B) Necessidade de um ritmo penitencial</i>	119
<i>C) Coerentes com o que acreditamos.....</i>	120

Índice

4 – Uma proposta antiga, mas sempre nova: o processo penitencial	123
1. Fundamentação histórica.....	123
A) Na estrutura de excomunhão (Escritura).....	124
B) Na «estrutura de penitência» (séculos III-XIII).....	124
C) Na estrutura de confissão (séculos XIII-XX).....	126
D) Na estrutura de reconciliação (a partir do Vaticano II).....	126
2. Fundamentação teológica.....	127
A) Fundamentados na antropologia.....	127
B) Fundamentados na coerência teológica.....	128
C) Fundamentados na eclesiologia penitencial.....	129
D) Fundamentados na exigência ética ou relação com a justiça.....	130
3. Aplicação pastoral.....	131
A) Proposta de uma Forma D.....	131
B) Aplicação litúrgica às várias formas sacramentais.....	133
Conclusão.....	139
Índice.....	141